



Populações indígenas e mercadorias: reflexões a partir da antropologia social

Autora: Camila Galan de Paula

1º semestre/2014

Propõem-se cinco aulas para tratar dos seguintes temas, que poderiam receber os seguintes títulos: (1) O que é ser índio? Cultura não é essência; (2) Os povos indígenas no Brasil; (3) Sociodiversidade, (4) Os Xikrin e as mercadorias e (5) Vidas indígenas contemporâneas. A proposta aqui apresentada pressupõe que o professor ou a professora já tenha problematizado com os estudantes as ideias a respeito de “evolucionismo cultural”. Poderá ser preciso reforçar, nas aulas, a ideia de que povos indígenas não são primitivos que irão evoluir ou ser levados a evoluir. A crítica da ideia de evolução cultural, contudo, já é pressuposta nas sequências didáticas abaixo apresentadas. Das cinco aulas, imagina-se que talvez o professor ou professora não realize todas; as aulas 1 e 2, contudo, são introdutórias para as demais.

Possibilidade para 3 aulas: 1, 2, 4 ou 1+2, 4, 5

Possibilidades para 4 aulas: 1, 2, 3, 4 ou 1, 2, 4, 5 ou 1+2, 3, 4, 5.

AULA 1 – O que é ser índio? Cultura não é essência

Objetivos: Aproximar os alunos e alunas das discussões antropológicas que questionam a cultura como algo fixo e imutável. Em suma, apresentar uma crítica à essencialização da cultura. Fazer essa discussão a partir do questionamento sobre “o que é ser índio”



Recursos necessários: Folhas impressas com textos do sítio *Povos Indígenas no Brasil Mirim*, do Instituto Socioambiental, conforme reproduzidos abaixo. Ou, alternativamente, laptop e projetor de imagem com esses textos. Pode-se, ainda, substituir a impressão ou reprodução dos textos por cópia na lousa (indicando-se sempre a fonte).

Desenvolvimento:

1. Perguntas aos alunos **“O que sabem sobre os índios que vivem no Brasil?”**; coletar comentários na lousa. Perguntas adicionais para fomentar a discussão: **“Como você acha que esses índios se vestem?”**, **“Quantos índios há no Brasil?”**, **“Todos os índios falam a mesma língua?”**, **“Tem índio na cidade [nome da cidade em que fica a escola]? E no estado?”**, **“Eles falam português?”**, **“Vão para a escola?”**, **“Como moram?”**. **“Os índios que existem hoje são exatamente iguais aos que existiam em 1500? Por que sim ou não?”**
2. Depois de coletadas ideias que os alunos tenham sobre os indígenas no Brasil atuar, levantar a questão: **“O que é ser índio?”**. É esperado que os alunos apresentem critérios para classificar que é ou não indígena. Posteriormente, isso deverá ser problematizado pelo professor ou professora.
3. O professor ou professora precisará, neste momento, explicar que cultura não é um conjunto previamente dado de itens imutáveis. Uma sugestão de formulação a ser apresentada, na lousa, seria a partir de uma definição proposta pelo antropólogo Omar Ribeiro Thomaz (1995)¹

A antropologia tem pensado “a cultura como um processo dinâmico de reinvenção contínua de tradições e significados” (Thomaz, *ibid.*, p. 439) e **“as culturas [...tendem] a interpretar o novo [...] em função de uma estrutura própria”** (*id.*, *ibid.*, p. 439).

¹ Thomaz, Omar Ribeiro. A antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade. In: Silva, Aracy Lopes da; Grupioni, Luis Donisete. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. pp. 425-441.



Para exemplificar o que se quer dizer com isso, o professor ou professora pode recorrer ainda ao seguinte trecho:

“Muitas vezes se questiona a possibilidade de um grupo indígena manter a sua cultura quando este passa a adotar alguns costumes ocidentais ou usar roupas e sapatos ‘dos brancos’. Muitas vezes se afirma que ‘deixaram de ser índios de verdade’. Ora, a cultura dos grupos indígenas, como a nossa, é dinâmica, assimila certos elementos culturais da sociedade envolvente, dando-lhes novos significados, e rechaça outros. É importante salientar que este processo se dá de forma diferenciada em cada grupo indígena específico.” (id., ibid., p. 440).

O professor ou professora pode ainda dar outros exemplos retirados do texto que acompanha esta sequência didática.

4. Nesse momento, sugere-se a utilização dos textos curtos **“O que é ser índio?”** e **“Os índios são todos iguais?”** no sítio *Povos Indígenas no Brasil Mirim*, organizado pelo Instituto Socioambiental (<http://pibmirim.socioambiental.org/o-que-e-ser-indio>) e reproduzidos abaixo. Esses textos, voltado ao público infantil, podem ser usados com estudantes mais velhos, pois sintetizam as proposições do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro expostas no texto “No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é”², sem as banalizar .

² Os argumentos centrais dessa comunicação, por sua vez, estão apresentados no texto que acompanha esta sequência didática



O que é ser índio?

Antes de tudo, é índio quem se identifica com uma comunidade indígena e é visto por ela como um membro.

Entendemos como comunidade indígena um conjunto de pessoas que:

- mantêm relações de parentesco ou vizinhança entre si;
- são descendentes dos povos que habitavam o continente antes da chegada dos europeus;
- apresentam modos de vida que são transformações das antigas formas de viver das populações originárias das Américas.

Os índios são todos iguais?

Algumas vezes nos referimos aos povos indígenas genericamente como índios, porque quando falamos índios, estamos nos referindo a grupos que se reconhecem como semelhantes em alguns contextos.

Apesar das semelhanças que podemos notar entre vários povos indígenas, quando eles se comparam entre si reconhecem suas diferenças, pois prestam atenção nas particularidades de cada grupo.

Cada povo indígena possui tradições culturais próprias, isto é, tem uma história particular, além de possuir práticas e conhecimentos únicos.

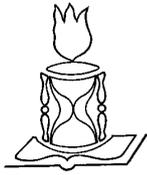
[...]

É a mesma situação dos franceses e ingleses, por exemplo, que recebem o nome comum de europeus, por oposição aos africanos, aos sul-americanos e outros, ainda que apresentem diferenças entre si, falem línguas diferentes, tenham festas, costumes e hábitos distintos.

É por isso que não podemos dizer que existe uma única “cultura indígena”: cada comunidade tem seu modo de ser.

Existem, portanto, muitas culturas indígenas!

(Fonte: Povos Indígenas no Brasil Mirim – Instituto Socioambiental:
<http://pibmirim.socioambiental.org/o-que-e-ser-indio>)



Os textos “**O que é ser índio?**” e “**Os índios são todos iguais**” podem ser impressos e distribuídos (uma cópia por aluno), copiados na lousa pelo professor ou professora ou projetados diretamente no sítio eletrônico, conforme os recursos da escola. O professor ou professora deverá, nesse ponto, ler os textos com os alunos e elucidar questões. É importante enfatizar cada um dos pontos levantados nas definições, pois eles sintetizam um conjunto e pressupostos. Abaixo, reproduz-se novamente o texto, com comentários (em vermelho) sobre cada parte, baseados no texto que acompanha essa sequência didática³.

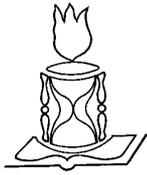
O que é ser índio?

Antes de tudo, é índio quem se identifica com uma comunidade indígena e é visto por ela como um membro. **Ou seja, o que se reconhece são comunidades, grupos indígenas e não indivíduos. Para ser indígena não basta que a pessoa assim se identifique, é preciso também que uma comunidade a identifique como indígena. Essa definição leva em conta o critério de autodefinição: ou seja, são as comunidades indígenas elas mesmas que devem se dizer indígenas, não cabe a um agente externo essa atribuição de identidade.**

Entendemos como comunidade indígena um conjunto de pessoas que:

- mantêm relações de parentesco ou vizinhança entre si; **O que quer dizer que essas comunidades se organizam por laços de parentesco (por “parentes”, entende-se aqui não somente consanguíneos e parentes diretos, mas uma multiplicidade de relações que podem ser consideradas “parentesco”. O que cabe são as definições dos indígenas de quem sejam seus parentes) e/ou de território.**
- são descendentes dos povos que habitavam o continente antes da chegada dos europeus;
- apresentam modos de vida que são transformações das antigas formas de viver das populações originárias das Américas. **Ou seja, esses grupos não vivem do mesmo jeito que viviam os povos indígenas antes da colonização das Américas. Em muitos casos, não se tratam exatamente dos mesmos grupos. Mas isso não quer dizer que não haja ligação entre indígenas de hoje e os de antes do século XVI. Conforme se tem argumentado, cultura não é algo fixo e imóvel; pelo contrário, ela é transformação. Assim, os modos de vida dos indígenas hoje são transformações dos modos de vida de populações pré-colombianas. E essas transformações ocorreram de modos distintos para cada população indígena.**

³ Que por sua vez, baseia-se no texto de Eduardo Viveiros de Castro citado nas referências.



Os índios são todos iguais?

Algumas vezes nos referimos aos povos indígenas genericamente como índios, porque quando falamos índios, estamos nos referindo a grupos que se reconhecem como semelhantes em alguns contextos.

Apesar das semelhanças que podemos notar entre vários povos indígenas, quando eles se comparam entre si reconhecem suas diferenças, pois prestam atenção nas particularidades de cada grupo.

Cada povo indígena possui tradições culturais próprias, isto é, tem uma história particular, além de possuir práticas e conhecimentos únicos.

[...]

É a mesma situação dos franceses e ingleses, por exemplo, que recebem o nome comum de europeus, por oposição aos africanos, aos sul-americanos e outros, ainda que apresentem diferenças entre si, falem línguas diferentes, tenham festas, costumes e hábitos distintos.

É por isso que não podemos dizer que existe uma única “cultura indígena”: cada comunidade tem seu modo de ser.

Existem, portanto, muitas culturas indígenas!

(Fonte: Povos Indígenas no Brasil Mirim – Instituto Socioambiental:
<http://pibmirim.socioambiental.org/o-que-e-ser-indio>)

AULA 2 – Os povos indígenas no Brasil

Objetivos: Apresentar aos alunos dados gerais sobre os povos indígenas no Brasil, dados demográficos e enfatizar diversidade cultural e linguística.

Recursos necessários: Cópia de textos sobre povos indígenas no Brasil retirados do sítio *Povos Indígenas no Brasil*, do Instituto Socioambiental (<http://pib.socioambiental.org/pt>) ou de outra fonte confiável sobre povos indígenas no Brasil a serem distribuídos a grupos de alunos. Projetor e computador para mostrar dados gerais sobre povos indígenas no país. Alternativamente, pode-se substituir esses últimos recursos por cópia de informações principais na lousa.



Desenvolvimento:

1. Sugere-se que esta aula seja iniciada pela apresentação, por parte do professor, de dados gerais sobre os povos indígenas que vivem no Brasil atualmente. Algumas informações importantes: (1) quantos são os indígenas no Brasil; (2) quantos povos; (3) onde vivem; (4) aumento das populações indígenas vivendo em cidades; (5) diferentes experiências de contato com não indígenas, (6) diversidade linguística. O professor ou professora pode ainda acrescentar outras informações ou dados que julgar pertinente. Essas informações podem ser consultadas, por exemplo, no sítio *Povos Indígenas no Brasil*, do Instituto Socioambiental (<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/contato-com-nao-indios>) e dados demográficos referentes a indígenas no Censo de 2010, no *hotsite* produzido pelo IBGE: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>. Essas informações podem ser apresentadas oralmente pelo professor, que pode anotar os dados mais importantes (números, nomes dos povos e línguas etc.) na lousa. Além disso, pode distribuir ou reproduzir tabelas com os nomes dos povos e a diversidade das línguas e famílias linguísticas, bem como sobre as etnias que vivem no estado em que a escola está localizada⁴.

2. Distribuir na sala textos curtos baseados do site *Povos Indígenas no Brasil* sobre diferentes grupos indígenas, incluindo grupos que moram na cidade/estado em que a escola está localizada. É interessante o professor ou professora selecionar textos referentes a povos indígenas que falem línguas de famílias/troncos diferentes, vivam em partes distintas do Brasil e tiveram situações de contato diversas. Separar a turma em grupos de até cinco pessoas para ler os textos e em seguida apresentar algumas informações sobre o que foi lido para o restante da turma. Durante as apresentações, enfatizar as semelhanças e diferenças entre os povos.

Sugestão alternativa: com relação às línguas indígenas, é possível também recorrer ao episódio 2, "Nossas línguas", da série "Índios no Brasil", do Vídeo nas

⁴ Isso pode ser encontrado no sítio *Povos Indígenas do Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/>), mas o professor também encontrará mais informações em livros e artigos de antropologia, demografia ou linguística.



aldeias. Pode ser acessado aqui:
<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=84>

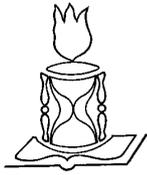
AULA 3 - Sociodiversidade

Objetivos: Apresentar aos alunos a noção de “sociodiversidade” e explicar porque a diversidade cultural é importante.

Recursos: Cópias de trechos de entrevista e de artigo da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha - abaixo reproduzidos - a ser distribuídos para casa aluno. Alternativamente, pode-se copiar o texto na lousa.

Desenvolvimento:

1. Levantar a questão “**Os povos indígenas vão virar brancos, evoluir?**” – lembrar que para a Sociologia (a Antropologia, cujas reflexões estão incluídas na disciplina escolar Sociologia) não existe povo mais ou menos evoluído.
2. Colocar a palavra “**sociodiversidade**” na lousa. O que eles acham que significa?
3. Distribuir os seguintes trechos de entrevista com a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha e trecho de artigo para serem lidos em conjunto (conforme reproduzidos abaixo):



“No ensaio “O futuro da questão indígena”, você defende a necessidade de “um novo pacto com as populações indígenas” e aponta a “sociodiversidade” como “condição de sobrevivência” para o mundo. Como define “sociodiversidade”, e o que seria esse “novo pacto”?

O Brasil não é só megadiverso pela sua grande diversidade de espécies, ele também é megadiverso pelas sociedades distintas que abriga. Segundo o censo do IBGE de 2010, há 305 etnias indígenas no Brasil, que falam 274 línguas. Essa **sociodiversidade** é, segundo Lévi-Strauss, um capital inestimável de **imaginação sociológica e uma fonte de conhecimento**. Um mundo sem diversidade é um mundo morto. E quanto ao pacto com as populações indígenas que evoco, trata-se do seguinte: os índios que conservaram a floresta e a biodiversidade até agora (basta ver como o Parque Nacional do Xingu é uma ilha verde num mar de devastação) estão sujeitos a grandes pressões de madeiras e de vários outros agentes econômicos. Nada garante, se as condições não mudarem, que possam continuar nesse rumo. Para o Brasil, que precisa com urgência de um programa de conservação da floresta em pé, um pacto com as populações indígenas para esse fim seria essencial.” (fonte: <http://campanhaguarani.org/?p=1692> grifos meus)

Sociodiversidade: “As *culturas* humanas constituem para a humanidade um patrimônio de diversidade, no sentido de apresentarem soluções de organização do pensamento e de exploração de um meio que é, ao mesmo tempo social e natural. [Para] Lévi-Strauss [...] a sociodiversidade é tão preciosa quanto a biodiversidade. Creio [...] [que a sociodiversidade] constitui essa reserva de achados na qual as futuras gerações poderão encontrar exemplos – e quem sabe novos pontos de partida – de processos e sínteses sociais já postos à prova.” (Manuela Carneiro da Cunha “O futuro da questão indígena” [1994]. In: IDEM, *Cultura com aspas e outros ensaios*: Cosac Naify, 2009)



4. “O que entenderam do texto?”, “O que é sociodiversidade?” Explicar, elucidar. “Então, por que é importante que os povos indígenas não acabem, tenham seus direitos respeitados, tenham terra?”

AULA 4: Os Xikrin e as mercadorias

Objetivo: Discutir a grande inserção de mercadorias e dinheiro entre os Xikrin do Cateté pós-convênio com a Vale. (Discussão apresentada sinteticamente no texto para o professor). Esclarecer que o consumo de mercadorias por povos indígenas não é sinônimo de "aculturação" ou "perda da cultura".

Recursos: Projetor e computador; ou impressões de textos e fotografias.

Desenvolvimento: Inicialmente, mostra-se imagens dos Xikrin (que podem ser encontradas na internet) e de outros povos Kayapó. Selecionar imagens que, no senso comum, seriam tidas como "mais tradicionais" e outras que mostre a presença de roupas, produtos industrializados, casas de alvenaria etc. Pedir para os alunos comentarem a respeito da diferença entre essas fotos, perguntar se eles acham que algumas imagens refletem modos de vida mais tradicionais do que outros. Estimular as falas que se relacionem à percepção com relação à presença de mercadorias.

Em seguida, o professor deve esclarecer, de acordo com a etnografia de Gordon, como os bens industrializados e dinheiro se inseriram nos modos de vida xikrin.

Pode-se recorrer, para a discussão, a algumas notícias de 2006 sobre o possível fim do convênio da Vale com esses índios. Por exemplo, contrastar: "**Convênio com a entre Vale do Rio Doce e índios Xikrin precisa ser revisto, dizem especialistas**": (<http://reporterbrasil.org.br/2006/12/convenio-entre-vale-do-rio-doce-e-indios-xikrin-precisa-ser-revisto-dizem-especialistas/>) e "**Os índios Xikrin e a Companhia Vale do Rio Doce**" (<http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=43379>) pode ser interessante e "**A Vale, os Xikrin e o erro de origem**"



(<http://www.pagina22.com.br/index.php/2007/02/a-vale-os-xikrin-e-o-erro-de-origem/>).

AULA 5⁵ : Vidas indígenas contemporâneas

Objetivo: (1) Trabalhar o tema da sociodiversidade, introduzido na aula 3, a partir de vídeo que mostra a vida de indígenas guarani-mbyá nos dias atuais. (2) Com o filme, pretende-se também discutir indiretamente a questão da introdução de mercadorias em grupos indígenas. O objetivo mais geral da aula é mostrar uma produção contemporânea feita por realizadores indígenas sobre seu povo, atentando para como é apresentada a vida contemporânea dessas pessoas. Será possível questionar divisões entre o “tradicional” e o “moderno” nas vidas indígenas contemporâneas, evidenciando que a relação entre diferentes saberes e bens são complexas.

Recursos: Filme “Bicicletas de Nhanderú” (2011 / 48min. / Guarani-Mbya – Vídeo nas Aldeias), com direção de Ariel Ortega e Patrícia Ferreira. (Pode ser encontrado na internet ou comprado no sítio do projeto Vídeo nas Aldeias). Computador ou projetor ou aparelho de computador e televisor.

Desenvolvimento:

1. Retomar debate da aula anterior sobre “sociodiversidade”.
2. “Os povos indígenas são diferentes da gente. Eles têm modos diferentes de conhecer as coisas, de ensiná-las a seus filhos; comem diferente, plantam, moram etc. Isso significa que não podem usar roupa? Celular? Ir para a escola e aprender português? Ir para a faculdade?” Ouvir as respostas dos alunos. Explicar que para a antropologia e para a Constituição Brasileira, os índios têm o direito a ser diferentes: demarcação de terra que respeite os usos, acesso à saúde e a educação diferenciadas. Mas que “cultura” não é uma coisa fixa, que pode mudar. Pedir para

⁵ Antes dessa aula, uma possibilidade é realizar a Atividade 2 proposta na sequência didática sobre “Fundamentos Antropológicos para os Direitos dos Povos Indígenas”, também no sítio USP Ensina Sociologia” (ver http://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Jorge_Atividades.pdf)



os alunos pensarem o que mudou desde a época dos pais deles na “nossa” sociedade, por exemplo.

3. Preparação para assistir trechos do vídeo **“Bicicletas de Nhanderú” (2011 / 48min. / Guarani-Mbya – Vídeo nas Aldeias)**. Apresentação de trechos de um filme feito por indígenas. As filmagens são de 2010, foram feitas numa aldeia do povo Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul, no municio de São Miguel das Missões. Pedir para que os alunos observem e anotem o que, na vida desses guarani, é parecido com a vida deles e o que é diferente. Prestar atenção: como são as casas? Como eles se sentam? Como eles se vestem? Que língua eles falam?

4. Passar o primeiro trecho (6’25 a 13’24): perguntar aos alunos sobre o que viram;

5. Antes de ver o segundo trecho: explicar sobre o que é karai (“xamã”, “pajé”), Nhanderú. Para ser observado: como, para os Guarani-Mbyá, o mundo foi criado? Para o senhor que fala, o que os Guarani devem fazer de diferente dos brancos? Apresentar trecho min 20’52 a 22’12 e trecho 33’10 a 35’22.

6. Os Guarani também vão para a escola.... Apresentar trecho 38’25 até o final.

7. No fim da apresentação do vídeo, perguntar: o que é parecido? O que é diferente?



Outros recursos que podem ser usados:

- Série de livros produzida pelo *Iepé* (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena), disponíveis para download em:
<http://www.institutoiepe.org.br/infoteca/livros/>. Esses livros trazem informações sobre povos indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará e são escritos por antropólogas que realizam pesquisa na região, ou são trabalhos em coautoria com os povos indígenas.
- Outros vídeos do projeto **Vídeo nas aldeias** (ver sítio: <http://www.videonasaldeias.org.br/>). Sobretudo, a série "Índios no Brasil", contando com dez programas e apresentada por Ailton Krenak. Os episódios podem ser vistos *online* no sítio do Vídeo nas Aldeias..
- O livro *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*, de Aracy Lopes da Silva e Luis Donisete Grupioni. (SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luis Donisete. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília, MEC/Mari/Unesco, 1995. 575 páginas.)
-

Informações sobre os sítios, textos, autores e projetos mencionados:

Aracy Lopes da Silva: (1949-2000), antropóloga, foi professora na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Fundadora do MARI - Grupo de Educação Indígena da USP.

Luis Donisete Grupioni: Antropólogo, defendeu uma tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sobre educação indígena. É coordenador executivo do *Iepé* – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena.

Manuela Carneiro da Cunha: Antropóloga, foi professora na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Chicago. Além de importante contribuição



acadêmica na antropologia, também participou ativamente dos debates para a elaboração do capítulo dos índios na Constituição de 1988.

Omar Ribeiro Thomaz: Antropólogo. Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Instituto Socioambiental: “O Instituto Socioambiental (ISA) é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994, para propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. Desde 2001, o ISA é uma Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – com sede em São Paulo (SP) e subsedes em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA).” (Instituto Socioambiental, <http://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa>)

Povos Indígenas no Brasil (PIB) – Projeto do Instituto Socioambiental que inclui a produção de textos qualificados sobre Povos Indígenas no Brasil, inclusive sob o formato de verbetes escritos por especialistas.

Povos Indígenas no Brasil Mirim – Versão do projeto PIB para público infantil.

Vídeo nas Aldeias – “Criado em 1986, **Vídeo nas Aldeias (VNA)** é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha.” (Vídeo nas Aldeias, <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>)

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - O Instituto Iepé é uma organização não governamental criada em 2002 e que atua junto às populações indígenas do Amapá e norte do Pará. (Sítio: <http://www.institutoiepe.org.br/>)